



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



Faculdade de Artes Arquitetura e Comunicação  
DARG- Departamento de Artes e Representações gráficas

**ALINE MONTEIRO LAMBERTUCCI**

**LITERATURA INFANTIL:**

**Para crianças de 0 a 3 anos.**

**Bauru**

**2015**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação  
DARG- Departamento de Artes e Representações gráficas

**ALINE MONTEIRO LAMBERTUCCI**

**LITERATURA INFANTIL:**

**Para crianças de 0 a 3 anos.**

Trabalho apresentado para a Conclusão do Curso de Educação Artística – Licenciatura em Artes Plásticas da Faculdade Artes, Arquitetura e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi.

**Bauru**

**2015**

# **ALINE MONTEIRO LAMBERTUCCI**

## **LITERATURA INFANTIL: Para crianças de 0 a 3 anos.**

Trabalho apresentado para a Conclusão do Curso de Educação Artística – Licenciatura em Artes Plásticas da Faculdade Artes, Arquitetura e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

---

Profa. Dra. Rosa Maria Araújo Simões

---

Prof. Dr. José dos Santos Laranjeira

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP

Bauru, 15 de Abril de 2015.

Dedico a todos os ilustradores, escritores, professores, bibliotecários e pais que tornam possível o convívio das crianças com o universo da fantasia criado nas histórias infantis, trazendo alegria, união e saber.

Agradeço a Deus pela força dada ao longo desses anos para que nunca desistisse e por todas as oportunidades proporcionadas. Da mesma forma agradeço aos meus pais, Marciene e Josias, a confiança que depositaram em mim, possibilitando-me percorrer os caminhos e assumir os riscos, ajudando a alcançar essa grandiosa vitória. Ao meu esposo, Jessé, pela sua compreensão, pelo tempo que passamos distantes para que eu conseguisse realizar esse ideal. A toda minha família pelos ensinamentos e exemplos e aqueles que confiaram em mim enquanto estudante possibilitando o aprendizado. Tive a felicidade de receber orientações dadas pela Professora Maria do Carmo Monteiro Kobayashi, agradeço a ela pelo tempo disponibilizado, pelas correções e incentivos. Aos meus amigos que compartilharam as alegrias, as tristezas, perdas e ganhos. Enfim, a todos que participaram direta ou indiretamente na minha vida.

“Todas as vidas dos homens são contos de fadas escritos pelas mãos de Deus.”  
Hans Christian Andersen

## **RESUMO**

A partir de um estudo bibliográfico, o objetivo é ao estudo da literatura infantil e suas contribuições na vida dos pré-leitores, especialmente dos zero aos três anos. Esse trabalho de conclusão de curso engloba Literatura Infantil e Artes Visuais, abordando a relação entre a ilustração e os livros infantis, evidenciando a importância do contato deles desde os primeiros anos de vida, e o quanto contribuem para o desenvolvimento emocional, cognitivo e o aprendizado da criança, ajudando, também, na solução de problemas que enfrentarão ao longo da vida, despertando a imaginação e a criatividade, fatores necessários na formação da criança. Através da leitura das histórias, pelos adultos, as crianças são emersas em um mundo imaginário que estimula o desenhar, o musicar, o sair, o pensar, o imaginar, o brincar, o ver o livro e o escrever, portanto, os livros aliados a Educação Infantil irão auxiliar a criança, tornando-a pessoa capaz, crítica e interessada em aprender. Além de atrair e maravilhar as crianças, as ilustrações e o projeto gráfico despertam o interesse pelos livros e pela leitura, suscitando a imaginação e a criação, assim sendo, os livros apresentados para bebês devem ser feitos de materiais que sejam adequados a sua faixa etária, portanto, mais resistentes e atraentes, contendo atributos para o desenvolvimento das habilidades motoras e sensoriais dos bebês e crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Infantil. Livro infantil. Pré-leitor. Arte.

## **ABSTRACT**

From a bibliographical study, the objective is the study of children's literature and its contributions in the lives of pre- readers, especially from zero to three years. This course of completion of work includes Children's Literature and Visual Arts, addressing the relationship between the illustration and children's books, indicating the importance of their contact from the first years of life, and how much contribute to the emotional, cognitive and child's learning, also helping to solve problems they will face throughout life, awakening the imagination and creativity, necessary factors in the child's education. By reading the stories, by adults, children are immersed in an imaginary world which stimulates the drawing, the music, to leave, thinking, imagining, playing, seeing the book and write, so the allies books Early Childhood Education will help the child, making it capable person, critical and interested in learning. In addition to attracting and marvel children, illustrations and graphic design aroused the interest in books and reading, inspiring the imagination and creation, therefore, the books submitted for babies should be made of materials that are suitable for their age group therefore more resistant and attractive, containing attributes for the development of motor and sensory skills of babies and children.

**KEY WORDS:** Children's Literature. Children's book. Pre - Reader . Art.



## Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPITULO 1: AS HISTÓRIAS DAS HISTÓRIAS INFANTIS .....	12
1.1 Literatura infantil: uma história a contar e ler .....	12
1.2 A literatura infantil no Brasil .....	19
CAPITULO 2: PRIMEIRA INFANCIA E O LIVRO INFANTIL .....	25
2.1 A importância de contar histórias .....	25
2.2 As ilustrações nos livros infantis .....	31
2.3 Ambientes para pequenos leitores .....	39
CAPITULO 3: LIVROS PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	53
REFERENCIAS .....	57

## INTRODUÇÃO

Quando pensei sobre qual deveria ser o assunto a pesquisar, lembrei-me o quanto a literatura infantil foi importante na minha infância, foi dentro dos livros que encontrei lugares onde vivi aventuras junto com meus personagens favoritos e ainda mais importante que isso os livros me ajudaram a tornar divertida uma das coisas que eu tinha muita dificuldade, que era ler.

O que me motivou a desenvolver essa pesquisa foi a dificuldade que tive de aprender a ler e por ter sido uma criança muito fechada, quase não falava e muito menos expressava sentimentos, meus pais não sabiam dos problemas que eu carregava, pois já tinha oito anos e não era alfabetizada. Portanto, quando souberam que eu apenas criava histórias pelas imagens dos livros e não os lia, do modo convencional, ambos ficaram desesperados com a situação.

No entanto meu pai, que já havia passado pela mesma dificuldade, sabia o que estava faltando para me motivar a querer ler as palavras dos livros. Fizemos a “hora da leitura”, e o modo divertido que era contada a história me cativou, com pilhas de livros e revistas de histórias em quadrinhos, de página a página mais eu gostava e sem perceber logo era eu quem estava lendo para meu pai.

Foi refletindo sobre essa grande dificuldade, que superei graças ao auxílio da literatura infantil e da dedicação dos meus pais que tiveram paciência e não desistiram de mim, que me motivou a explorar o quanto a Literatura Infantil é imprescindível no processo de desenvolvimento, especialmente das crianças de zero a três anos, pois acredito que nunca é cedo demais para um bom livro.

Durante minha graduação procurei participar de projetos que envolvessem a literatura infantil e arte, o projeto “Biblioteca, o caminho para se gostar de ler”, da professora Maria do Carmo Monteiro Kobayashi, realizado pelos bibliotecários e funcionários da biblioteca em conjunto com alunos de artes e pedagogia, foi onde conseguir encontrar o que eu gostaria de pesquisar no meu trabalho de conclusão de curso.

No tema “Literatura Infantil: Para crianças de 0 a 3 anos”, abordo os benefícios da literatura infantil na formação do pré-leitor e as diversas possibilidades que o livro infantil oferece para formação da criança.

Unir arte e o processo de letramento na educação infantil nos três primeiros anos é, atualmente, uma temática necessária, assim como a ilustração com imagens pop-up, texturas, sons e outros recursos sensoriais e materiais, tem sido um assunto a ser investigado.

A pesquisa configura-se em um estudo bibliográfico que busca criar uma base conceitual realizando a interfase entre arte e letramento emergente. A oferta e apoio do livro infantil de qualidade é um ato de carinho e cuidado com os bebês, pois o contato com os livros infantis desde os primeiros anos de vida contribui no crescimento emocional, cognitivo e para a identificação pessoal da criança. Igualmente, ajuda na percepção de diferentes soluções de problemas, despertando a imaginação e a criatividade, que são fatores necessários na formação da criança. Os dados levantados apontam a relevância do estudo e a falta de pesquisa na área, podendo assim, esse estudo introdutório, adentrar ao universo da ilustração para crianças de 0 a 3 anos.

Essa pesquisa está organizada em três Capítulos. No primeiro será apresentada, de modo breve, a história da Literatura Infantil, abordando sobre os avanços e contribuições dos autores mais importantes para estruturação dela até os dias atuais.

O segundo Capítulo explana as contribuições da literatura infantil na primeira infância, mostrando que contar histórias colabora na aprendizagem, formação e desenvolvimento da criança e conjuntamente com a ilustração nos livros infantis pode ser a porta de entrada das narrativas e da escrita, por isso, essa pesquisa investiga a relação entre ilustração e textos de literatura infantil, além dos benefícios que as ilustrações dos livros infantis e do projeto gráfico, pois são importantes não só para cativar a criança, mas também para suscitar o imaginário, aumentar a atenção visual e a capacidade de percepção. Evidencio a importância do local de leitura, como a Bebeteca, sendo um instrumento que pode potencializar a formação de futuros leitores, denotando os atributos que deve haver, ou não, em um lugar onde a criança e o bebê possam desenvolver conhecimento e ter uma ligação com os livros.

No terceiro Capítulo será tratado a interligação entre a história da criança e a Literatura Infantil, qual o caminho que a criança passou até ser valorizada e ter direito a desfrutar de sua infância, fazendo surgir os primeiros textos e livros destinados a elas. Aborda-se a importância da literatura infantil na formação do indivíduo, especialmente na primeira infância, pois é nessa fase que a criança está se descobrindo e formando sua personalidade. Portanto, conclui-se que o livro, além de auxiliar no aprendizado e formação

da criança é, também, um objeto lúdico e cultural, em vista disso, nesse capítulo procura-se mostrar as qualidades que um livro deve oferecer para crianças de zero a três anos.

## CAPITULO 1: AS HISTÓRIAS DAS HISTÓRIAS INFANTIS

Nesse capítulo será relatada, brevemente, a história da Literatura Infantil internacional e nacional, abordando sobre os avanços e as contribuições dos autores mais importantes para estruturação dessa arte escrita, pois nem sempre a literatura foi adequada às crianças.

### 1.1 Literatura infantil: uma história a contar e ler

Quando se pensa em literatura infantil surgem nomes de Perrault, Grimm, Anderson ou La Fontaine, escritores dos clássicos da literatura, mas esquecemos de que os textos por eles escritos já existiam, ou seja, foi graças ao ato de escrever as histórias contadas pelo povo durante gerações, esses contos não se perderam com o tempo. O que era transmissão oral pôde ser guardado para que hoje pudéssemos contar ouvir e viver as histórias de muito tempo atrás. Pois desde os primórdios foram escritas em tábuas de argila, papiros, pergaminhos ou até em livros que permitiram que as palavras ditas há milênios durassem até hoje (COELHO, 1991).

É difícil definir, por exemplo, a origem dos contos de fadas, por sua transmissão narrada antes de escrita, muitas são as suposições sobre as histórias mais antigas. Alguns teóricos como Coelho (1991) aponta “Calila e Dimna” como uma das mais antigas coletâneas de contos, escrito na Índia durante o século V A.C., até que encontraram alguns papiros escritos pelos egípcios, que datavam uma dezena de séculos anteriores a “Calila e Dimna”, além dos textos egípcios e indianos, apareceram outros na Palestina e Grécia Clássica (COELHO, 1991).

Foi em terras europeias, que segundo Coelho (1991), entre os séculos IX e X que a literatura popular começa a se expandir oralmente, o motivo principal dessa divulgação dos contos foi à religião:

Através dos manuscritos ou das narrativas transmitidas oralmente e levadas de uma terra para outra, de um povo a outro, por sobre distâncias incríveis, que os homens venciam em montarias, navegações ou a pé, - a invenção literária de uns e de outros vai sendo comunicada, divulgada, fundida, alterada... Com a força da religião, como instrumento civilizador, é de se compreender o caráter moralizante, didático, sentencioso que marca a maior parte da literatura que nasce nesse período, fundindo o lastro oriental e o ocidental. No fundo é sempre uma literatura que divulga ideais, que busca ensinar, divertindo, no momento em que a palavra literária (privilégio de poucos e difundida pelos jograis, menestréis, rapsodos, dos trovadores...) era vista

como atividade superior do espírito: a atividade de um homem que tinha o Conhecimento das Coisas. (COELHO, 1991, p. 33).

As fadas, para Coelho (1991), surgem no século IX, no “Mabinogion”, coletânea de manuscritos medievais galeses, com ele também nasce as aventuras reais que originaram o Ciclo Arturiano. Os textos que serviram de fonte para essa literatura eram de “Beowulf”, a primeira obra de literatura inglesa, que retrata a passagem de uma época pagã para uma cristã. E como a autora explica:

Na Idade Média, esse lastro pagão choca-se, funde-se ou deixa-se absorver pela nova visão de mundo gerada pelo espiritualismo cristão e, transformado, chega ao Renascimento. Na Era Clássica, os contos, que tinham um profundo sentido de verdade humana, foram perdendo seu verdadeiro significado e, como simples “envoltório” colorido e estranho, transformou-se nos contos maravilhosos infantis (COELHO, 1991, p. 15).

Foi assim que as fábulas gregas, de Esopo, e as latinas, de Fedro, começam a se propagar. As histórias e versos eram narrados em uma língua que só foi usada durante a mediação entre o latim e as novas línguas que estavam surgindo a partir dela, como o Francês, o Italiano e o Português, essa linguagem intermediadora era chamada de língua “romance” (COELHO, 1991).

Cavaleiros andantes, reis, rainhas, princesas e príncipes bons e maus, fadas, bruxas, metamorfoses de criaturas humanas em animais (ou vice-versa), ogros e ogressas canibalescos, maldições, profecias, madrastas, crianças abandonadas, crianças que são entregues a alguém para serem mortas, fantasmas e magos, gênios benfazejos e malfazejos... é a fantástica legião de personagens que a partir do século XVII os escritores cultos vão descobrir na tradição oral dos povos europeus e criar a Literatura Infantil que hoje conhecemos como “tradicional” [...] (COELHO, 1991). p. 66).

Conforme Cashdan (2000), a transformação dos contos de fadas em literatura infantil teria ocorrido no século XIX, nos países de língua inglesa, por causa dos vendedores ambulantes que viajavam por povoados vendendo pequenos volumes baratos que tinham histórias simplificadas do folclore e dos contos de fadas.

No entanto, pode se dizer que a literatura infantil começou na França na segunda metade do século XVII, na monarquia de Luís XIV. De acordo com Coelho (1991), foi manifestada uma preocupação quanto à literatura para crianças ou jovens. A literatura escrita nesse período resultou da valorização da fantasia e da imaginação que veem dos textos da antiguidade clássica ou das narrativas orais entre o povo.

Foi a partir do crescimento da burguesia na Europa, no século XVIII, que fez com que a sociedade tivesse condições de vida melhor resultando em valores clássicos. Dessa maneira, as crianças começaram a ter mais destaque, os investimentos na educação aumentaram, a fim de prepará-las para vida adulta (AGUIAR, 2001).

A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la, ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o beneficiário maior desse esforço conjunto: a criança. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010, p. 17).

Para Cadermartori (1995), a criança era vista como um adulto em potencial e só iria amadurecer quando passasse pela experiência de vida que os mais velhos já viveram. Assim a literatura se tornou útil para tal propósito, os contos populares foram coletados e adaptados para servir a missão de guiar o pensamento ingênuo até o pensamento adulto, do irracional para o racional.

A maioria dos contos claramente não eram feitos para o público infantil, continham erotismo, estupro, assassinatos, exibicionismo e entre outros conteúdos inadequados. Entretanto, sem as partes inapropriadas, os contos são jornadas de triunfo e transformação que ajudam as crianças a enfrentar em os conflitos psicológicos que têm ou possam a vir enfrentar, além de divertir e encantar (CASHDAN, 2000).

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros (ZILBERMAN, 1985, p.13).

Os iniciadores dos contos de fadas e fábulas como conhecemos nos dias atuais foram La Fontaine e Perrault, no século XVII, na França; depois com os irmãos Grimm no século XVIII, na Alemanha; com Andersen no século XIX, na Dinamarca; e com Walt Disney no mais atual século XX, na América (COELHO, 1991).

Nascido em uma comunidade francesa chamada Château-Thierry, Jean La Fontaine (1621-1692) pôde perceber a transição da Idade Média para o período Moderno. Através de

suas fábulas se imortalizou e se consagrou entre os escritores que produziram literaturas universais. Destacou-se com: “A cigarra e a formiga”, “A reunião geral dos ratos”, “O leão e o rato”, “A morte do lenhador” e “O lobo e pele de cordeiro” (figura 1). O poder moralizante de suas fábulas continuam tão forte quanto foram a princípio e desta forma vem atravessando épocas sem deixar de se afirmar como literatura. Além das fábulas, La Fontaine escreveu romances, peças teatrais, parábolas e entre outras modalidades de escritos (COELHO, 1991).



Figura 1 - "O Lobo em pele de cordeiro", xilogravura por Francis Barlow, 1687.  
Fonte: <[http://www.bjai.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=629](http://www.bjai.org.br/detalhe_artigo.asp?id=629)>. Acesso em 1 de Março de 2015

Pelas fábulas podemos notar as críticas de La Fontaine a postura da sociedade diante de uma tarefa a ser desempenhada. A sua proximidade com ditos populares e a “moral” a ser passada através de poucas linhas, pois como Alves (2007) aponta:

A grande maioria das fábulas tem como personagem animais ou criaturas imaginárias (criaturas fabulosas) que representam, de forma alegórica, os traços de caráter (negativos e positivos) dos seres humanos. Os gregos chamavam a fábula de apólogo, e esta palavra também passou a ser usada para designar uma pequena narrativa com seres inanimados e que encerra uma lição moral. A palavra latina fábula deriva do verbo *fabulare* “conversar”, “narrar”, o que mostra que a fábula tem sua origem na tradição oral, alias, é da palavra latina fábula que vem o substantivo português “fala” e o verbo “falar” (ALVES, 2007, p. 24).

Charles Perrault (1628-1703), nascido na França, advogado e escritor de livros para adultos, tornou-se conhecido até os dias de hoje pelo seu único volume de contos infantis, “Os Contos da Mamãe Gansa”, publicado em 1697 sob o nome de seu filho. Seus contos vieram a compor o modelo clássico: “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Barba Azul”,



“O Pequeno Polegar”, “As fadas”, “Riquet, o topetudo” e “O Gato de Botas”. Histórias que antes haviam sido vistas como vulgares e grosseiras, com efeitos grotescos e burlescos, foram implantadas no centro de uma nova cultura literária, uma cultura que pretendia socializar, civilizar e educar crianças (TATAR, 2004). Carvalho descreve os tipos de personagens que Perrault tinha em seus contos:

Perrault retrata a sociedade do seu tempo, a sua época, em suas estórias infantis, com toda a carga existencial, fazendo desfilar nelas os opulentos e poderosos, os humildes e fracos; os nobres e poderosos, que o povo faz descender de canibais, devoradores; os fracos, compensados e fortificados pelas qualidades morais e espirituais. As intrigas das classes elevadas, dos nobres, das princesas despeitadas por não serem convidadas para os grandes acontecimentos na nobreza, dos palácios. O desenfreado despotismo dos reis, que nada respeitavam ou admitiam além de seus desejos. Suas personagens são de todos os níveis sociais; aí se agitam e transitam, com os nobres, toda a classe de plebeus: pescadores, cozinheiros, camponeses, lavadeiras, revelando verdades, em seu habitat alegórico, dentro do clima dialético do século, e numa linguagem viva e plástica. (CARVALHO, 1983, p. 77).

Eram nomeadas de “contos de fadas”, mesmo nem a metade desses contos apresentando fadas, pois como cita Coelho (1991, p.90): “[...] são apenas ‘contos maravilhosos’, por existirem em um espaço ‘maravilhoso’, isto é, fora da realidade concreta”.

Os irmãos Grimm – Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) queriam desenvolver uma compilação de contos populares da Alemanha, pensaram em capturar a voz “pura”, na escrita queriam preservar o que escutaram vindos das pessoas comuns. Publicaram em 1812 e 1815 uma coletânea em dois volumes, após os “Contos da Mãe Gansa” (1697). Ao ser lançada, a primeira edição dos “Contos da infância e do lar” (Figura 2) sofreu uma série de críticas e isso levou os irmãos, principalmente Wilhelm, a rever o que havia escrito e reescrever. Após editar, muitas vezes deixando os textos com o dobro do tamanho original, havia aperfeiçoado a prosa com tanto cuidado que ninguém mais poderia se queixar das partes grosseiras (TATAR, 2004).

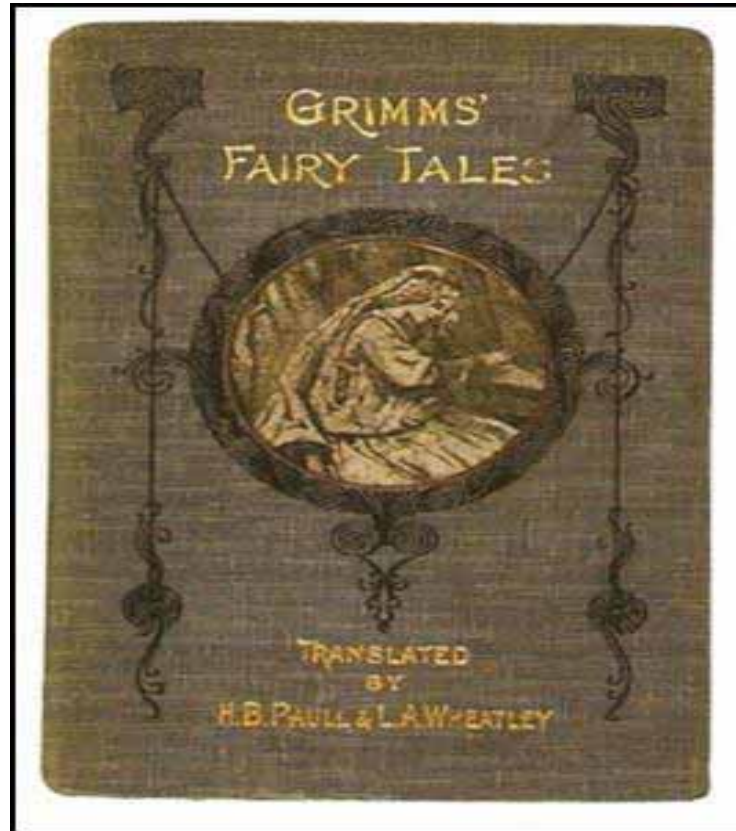


Figura 2 – Contos de fadas e contos domésticos dos Irmãos Grimm, 1890.  
 Fonte: POWERS, Alan. Era uma vez uma capa. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Os Grimm, segundo Tatar (2004), mudaram de ideia sobre o público que queriam atingir, primeiramente os contos serviriam como registros históricos e documentos para estudiosos, mas aos poucos se tornou leituras para hora de dormir das crianças. Depois de decidirem que o alvo de seus contos seriam as crianças, precisariam eliminar qualquer evidencia de humor vulgar de seus contos, o que eliminaria toda referência de gravidez antes do casamento. Porém se preservou e ampliou as partes que continham violência, mas como forma de punição para aqueles que foram maus. Na primeira edição do conto de “Cinderela” as irmãs postiças são poupadas do castigo final, já na segunda edição pombos bicam os olhos delas causando cegueira e isso acrescenta uma moral na história, pois foram punidas com a cegueira por terem sido malvadas e invejosas.

Hans Christian Andersen (1802-1875) inspirou suas histórias na sua infância sofrida, trazendo uma moral ou ensinamento. “A Roupas Nova do Imperador”, “O Patinho Feio”, “Os Sapatinhos Vermelhos”, “A Pequena Sereia”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, “A Princesa e a Ervilha” foram alguns dessas histórias que se destacaram. (COELHO, 1991).

Andersen economiza no uso de “felizes para sempre”. Muitos de seus contos, carregados de força trágica, contêm descrições elaboradas de sofrimentos físicos e têm seu desfecho no cemitério. Se os contos de fadas nos permitem testemunhar a derrota de ogros, bichos-papões, madrastas e bruxas, as histórias de Andersen, em contraposição, põem em cena o padecimento de órfãos e crianças. A *pequena* sereia, a *pequena* vendedora de fósforos, a menina Karen de “Os sapatos vermelhos” morrem todas em nome da piedade cristã. A acusação que Maurice Sendak faz a Andersen é implacável: “Os sapatos vermelhos” é o pior de todos”. Os tormentos que Andersen inflige a Karen são sádicos e repugnantes ao extremo, e o sentimento cristão do conto soa falso (TATAR, 2004, p. 348).

Segundo Tatar (2004), embora alguns leitores critiquem Andersen por produzir histórias em que coisas más acontecem a pessoas boas, os finais infelizes não fez com que parassem de lê-las e de relê-las, há aqueles que encontram nas histórias a promessa de redenção pela compaixão e arrependimento sincero. Anderson também criava uma espécie de “dupla corrente” onde há uma força divertida e outra que coloca tudo no devido lugar. E como a autora cita: “Diferentemente de Perrault e dos Grimm, Andersen reivindicava a autoria das histórias que contava. Admitindo que algumas foram inspiradas pelos contos que ouvira na infância[...]” (TATAR, 2004, p.347)

Walt Disney, o cineasta e produtor conhecido por suas obras baseadas em releituras de contos de fadas e histórias de diversos gêneros e contextos, teve como sua primeira obra lançada o clássico “Branca de Neve e os Sete Anões”, logo depois lançou “A gata borralheira” baseando-se na literatura, mas a transformou em “Cinderela” (figura 3). Com o enorme sucesso no mundo do cinema e da animação, até mesmo criou seu próprio “mundo de magia”, em Orlando na Florida. Entretanto, nas obras de Disney os contos ocorrem de forma distorcida da original, extraem partes consideradas pesadas para não assustar ou chocar nenhuma criança, o que impede de resolver o conflito na história (COSTA; BAGANHA, 1989).



Figura 3– “Cinderela”, de Walt Disney, 1950.

Fonte:< <http://videos.disney.com.br/colecoes/disney-princesa-4eaecf60f0d965898f131ac1>> Acesso dia 10 de Março de 2015

## 1.2 A literatura infantil no Brasil

De acordo com Lajolo e Zilberman (2010), em 1808, com a implantação da Imprensa Régia, iniciam-se as atividades editoriais no Brasil e os livros infantis começam a ser publicados com a tradução de “As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen”, e em 1818, José Saturnino da Costa Pereira lança a coletânea “Leitura para meninos”, mas as publicações eram esporádicas e não eram, por isso, suficientes para caracterizar uma produção de literatura brasileira.

O Brasil deixava para trás um regime político, quando o governante esteve no poder já não respondia mais as ambições e foi destituído do cargo que assumia. O país estava progredindo, mas tudo isso aconteceu porque os países europeus que o Brasil se espelhava começaram a mudar para o regime republicano que parecia ser mais democrático. A classe media urbana é responsável pelas mudanças no país e faziam acontecer avanços, retrocessos e revoluções, estavam desejosos em ver suas reivindicações serem atendidas, que são os

mesmos interesses que o povo brasileiro busca até hoje: melhor educação, liberdade política, melhores negócios e dinheiro mais acessível. O surgimento dos livros infantis se incorporou a esse movimento. (ZILBERMAN, 1985).

A extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana, a incorporação progressista de levas de imigrantes a paisagem da cidade, a complexidade crescente da estrutura administrativa são sinais da nova situação. E são eles que começam a configurar a existência de um virtual público consumidor de livros infantis e escolares, dois gêneros que também saem fortalecidos de várias campanhas de alfabetização deflagradas e liberadas, nessa época, por intelectuais, políticos e educadores (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986, p.15).

A acelerada urbanização, entre o fim do século XIX e o começo do XX tornam as pessoas consumidoras de produtos industrializados, aquele se torna o momento propício para o aparecimento da literatura infantil, sofisticadas revistas femininas, romances ligeiros e o material escolar. A revista infantil “O Tico-Tico”, em 1905, fez um enorme sucesso no cenário infantil, teve a colaboração de importantes artistas, mostrando que no Brasil do começo do século, os grandes centros já dispunham de produtos para consumo da hoje chamada indústria cultural (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

Para a transformação da sociedade rural em urbana a escola exerce um papel importante e por esse motivo foi aberto espaço para as produções didáticas e literárias principalmente dirigidas ao público infantil. Com a valorização da instituição escolar surge a preocupação de ter um material nacional na literatura para crianças brasileiras. Isso se tratava de uma tarefa patriótica e não faltavam recompensas financeiras, mas não garantia uma enorme fila de autores querendo publicar livros infantis, pois o país ainda tinha um número grande de analfabetos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

Segundo Lajolo e Zilberman (2010), o ponto principal dos apelos nacionalistas e pedagógicos, favorecendo o surgimento de livros infantis brasileiros, foi cenário nacional fortemente marcado por obras estrangeiras. Antes de 1880 apenas circulavam traduções e adaptações, e se multiplicavam com o passar do tempo. Apesar disso foram graças a Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, encarregados de tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças, que no Brasil circulam: “Contos seletos de as mil e uma noites” (1882), “Robinson Crusoe” (1894), “Viagens de Gulliver” (1888), “As aventuras do celeberrimo barão de Munchhausen” (1891), “D. Quixote de La Mancha” (1901) e os contos de clássicos de Perrault, Grimm e Anderson são publicados nos “Contos da Carrochinha” (1894), nas

“Histórias da vovozinha” (1896) e nas “Histórias da baratinha” (1896) (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

As importantes produções infantis nacionais do final do século XX são de Júlia Lopes Almeida e Adelina Lopes Vieira que lançam o livro “Contos infantis” (1886), Olavo Bilac e Coelho Neto editam seus Contos pátrios (1904), em 1907, Júlia Lopes Almeida lança “Histórias da nossa terra” e em 1910, “Através do Brasil” foi escrito por Olavo Bilac e Manuel Bonfim, após sete anos, Júlia Lopes Almeida volta com “Era uma vez”. O primeiro período da literatura infantil nacional praticamente se fecha com o romance “Saudade” (1919), de Tales de Andrade.

O autor Monteiro Lobato foi tão importante para a literatura brasileira que Coelho (1991) separa os autores antecessores de Lobato em Período Pré-lobatiano, de 1808 a 1920, Literatura Infantil/Juvenil Moderna em Período lobatiano e a Pós-moderna, Período Pós-lobatiano.

O momento de partida da literatura brasileira sem propósitos nacionalistas ou moralistas foi a partir de “A menina do narizinho arrebitado” (figura 4), em 1921, o sucesso foi pelas crianças se identificarem com os acontecimentos que são narrados e a realidade se mistura à fantasia, tornando-se um mundo só. Ele também mostrou em suas criações, adaptações e traduções a irreverência, o humor e a ironia, que são características da infância. Dessa maneira incentivou a autonomia nas ações das crianças e o positivismo, pois as situações apresentadas nas histórias conseguem ser resolvidas de forma simples, com inteligência e bom humor (COELHO, 1991).



Figura 4 – Capa da primeira edição de A menina do nariz arrebitado (1921).  
 Fonte: <http://lazer.hsw.uol.com.br/monteiro-lobato.htm>. Acesso em 20 de Março de 2015.

A escrita que Lobato apresentou em suas histórias mostrou-se muito útil, pois o escritor não precisa inventar novos personagens para uma nova narrativa, apenas é preciso de uma história que haja aventura. Contudo é preciso tomar cuidado para que os protagonistas não percam a personalidade. Seu modo de escrita foi útil para a autonomia das séries de televisão e dos quadrinhos que foram baseadas nas histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo onde surgiram Pedrinho, Emília, Tia Nastácia, Marquês de Rabicó, Visconde de Sabugosa, Dona Benta, e muitos outros personagens que estimularam a criatividade de milhões de crianças (ZILBERMAN, 1985).

Na mesma época da expansão da Literatura Infantil Brasileira, com Monteiro Lobato, a Escola Brasileira também passava por algumas transformações, depois do movimento modernista de 1922 passou-se a dar mais atenção para educação, sendo exigida a reformulação do processo pedagógico e administrativo das escolas. Em seguida a revolução que ocorreu em 1930 gerou a renovação educacional, foi criado no mesmo ano o Ministério da Educação e Saúde Pública, concretizando o ensino no Brasil em primário, secundário e superior. A Constituição de 1937 garantiu uma nova fase para a educação, sendo criados a Biblioteca Infantil Lobato, em 1936, e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos em 1938.

E com a expansão da rede escolar, também cresce a produção de livros infantis (COELHO, 1991).

Segundo Zilberman e Lajolo (1986), em 1942, Getúlio Vargas se viu obrigado a declarar guerra ao Eixo e se aliar ao lado da Inglaterra, França, Estados Unidos e União Soviética, gerando uma política de boa vizinhança, que até resultou a criação do papagaio Zé Carioca, por Walt Disney. Além dos produtos industrializados e culturais norte americanos serem facilmente aceitos pelos brasileiros, repercutindo em um novo padrão de qualidade, no qual o importado é melhor do que o feito no país.

E junto com os produtos importados aparecem os heróis importados e os quadrinhos, além das grandes novelas de aventuras da literatura europeia e americana, além do gênero policial, que fez de Sherlock Holmes, criado por Arthur Conan Doyle, o detetive mais famoso do mundo (COELHO, 1991).

Foi então que surgiu a exigência de uma literatura mais “educativa” para o ambiente escolar, histórias em quadrinhos e os livros de Lobato foram banidos nas escolas religiosas e substituídos por uma literatura mais “documentária”, que se utilizava de falas infantilizadas como modo de se aproximar as crianças do texto. As histórias se tornam incentivadoras da obediência e da ordem, por isso repreendem as crianças travessas (COELHO, 1991).

Em 1950, a literatura infantil cheia de fantasia e aventura ressurgiu com “As Aventuras de Xisto” (1957), de Lúcia Machado de Almeida e logo foi seguida por outros autores, assim a literatura passa a ser divertimento para crianças, não dependendo mais da escola. Já na década de 1960 as Diretrizes e Bases da Educação Nacional foram votadas decidindo-se pela democratização do ensino, estendendo a obrigatoriedade da escolarização e promovendo a leitura como “habilidade formadora básica”. Os textos literários se tornaram a fonte de aprendizado para o ensino da gramática aplicada (COELHO, 1991).

A partir da década de 1970 essa visão começa a mudar, motivada pela lei de reforma de ensino, obrigando a adoção de livros de autores brasileiros nas escolas de 1º grau, esse novo caminho da educação foi essencial para que surgissem autores como Francisco Marins, Maria Heloisa Penteadó, Maria José Dupré, Clarice Lispector, José Mauro de Vasconcellos, além da volta dos quadrinhos com Ziraldo e Mauricio de Souza (COELHO, 1991).

A literatura daquela época revelou nomes que sempre serão consagrados, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira, Fernanda Lopes de Almeida, Lygia Bojunga



Nunes, Rachel de Queiroz, Sérgio Caparelli, João Carlos Marinho e Tatiana Belinky. A ilustração passou a ter um papel ainda mais importante nos livros infantis e nomes como Ângela Lago, Ciça Fittipaldi, Helena Alexandrino, Ricardo Azevedo e Ziraldo são destaques na área de desenho infantil (COELHO, 1991).

Nas décadas de 1980 e 1990, a produção literária para a infância e juventude aumentou muito e, atualmente, no século XXI, a produção tem tido crescimento significativo, tanto quantitativa quanto qualitativamente (COELHO, 1991).

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Governo Federal, tem possibilitado inúmeras a crianças o contato com obras literárias de boa qualidade. Também foram criados outros projetos e programas de incentivo à leitura, como: O Programa Livro Aberto, Instituto Pró-Livro (IPL), Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e Projeto de Incentivo à Leitura (BRASIL, 2008).

## **CAPITULO 2: PRIMEIRA INFÂNCIA E O LIVRO INFANTIL**

Nesse capítulo será abordado sobre as contribuições da literatura infantil durante a primeira infância, mostrando que o simples ato de contar histórias colabora na aprendizagem, formação e desenvolvimento da criança. Da mesma forma que as ilustrações dos livros infantis e o projeto gráfico, são importantes não só para cativar o público infantil, mas também suscita o imaginário, aumenta a atenção visual e a capacidade de percepção. Igualmente importante para a criança em desenvolvimento é o local de leitura, que deve ser um onde a criança possa desenvolver conhecimento e ter uma ligação com os livros, porém, precisa ser um ambiente adequado para a faixa etária daqueles que irão usufruir desse espaço.

### **2.1 A importância de contar histórias**

Desde os primórdios da humanidade, de acordo com Abramovich (2005), contar histórias é uma atividade privilegiada para transmitir conhecimentos e valores humanos. É uma ação simples, mas tem um grande poder na formação da criança. O ato de contar histórias, desperta emoções como a alegria, a tristeza, a insegurança, o medo, a tranquilidade e vários outros sentimentos que as narrativas podem provocar. Quando a criança ouve uma história ela vê e sente com os olhos do imaginário, nessa experiência pode descobrir um mundo cheio de conflitos e impasses, que todos vivemos. Como os personagens das histórias infantis, os pequenos leitores também vão encontrar um jeito próprio de resolver seus problemas, conflitos e dificuldades.

Abramovich (2005, p 23) afirma que: “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o pensar, o teatrar, o imaginar o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”, enfatizando assim, as potencialidades de-se ler para uma criança.

Nas histórias infantis, segundo Coelho (1991), a criança pode ver o bem e o mau através dos atos dos personagens. Essa diferença no caráter dos personagens, para Abramovich (2005), faz a criança pensar sobre o que é certo e errado construindo seu caráter. A literatura pode ajudar a criança a combater as dificuldades que apareceram ao longo de sua vida, problemas que são inevitáveis no meio social. É preciso que os vilões paguem pelos

seus atos de maldade, assim, a criança forma uma consciência que fazer mal, ou cometer um crime, não compensa, é por esse motivo que nas histórias infantis o final deve ser sempre bom para os que fazem o bem e mal para os que cometem maldades.

A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antônio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber. (ZILBERMAN, 1985, p. 29).

As crianças não precisam saber ler para ter contato com os livros, escutar histórias é o primeiro passo para se tornar um futuro leitor. Segundo Abramovich (2005), o primeiro contato com o texto deve ser feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou avós, que vão ler contos de fada, trechos bíblicos, histórias inventadas (que a criança ou os pais sejam os personagens), livros atuais e curtos ou poemas sonoros. A leitura feita em um local e hora propícia é ainda mais prazerosa, quando a criança está se preparando para dormir, ou em um momento aconchegante, as histórias vão se tornar um momento de lazer e a imaginação da criança irá fluir com mais calma para que se prepare para um bom sono ao som de uma voz amada. Segundo Abramovich (2005, p.18): “(...) Contar histórias é uma arte e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro. Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Quando uma criança de, por exemplo, 3 anos toma emprestada a voz da mãe, da professora, da amiga mais velha, e lê o texto com a voz emprestada, ela está lendo. Está lendo com os ouvidos, assim como outros lêem com os olhos ou com as mãos. Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se insere na interlocução com o discurso escrito organizado numa sintaxe, num léxico e numa prosódia diferentes, como passa a compreender as modulações de vida que se enunciam num texto escrito. (BRITTO, 1994, p. 48)

Além de ser prazeroso, contar histórias para os bebês também é um grande estímulo sonoro. Em torno dos 10 meses os bebês começam a imitar os sons que ouvem, portanto é importante dar estímulos externos para o desenvolvimento da linguagem. No fim de seu primeiro ano de vida o bebê já tem algum entendimento sobre comunicação, pois sabem como se comunicar com aqueles que cuidam dele, mesmo que sem o uso das palavras, através de gestos e sinais eles sempre conseguem transmitir o que querem. Com estímulo e o desenvolvimento do aparelho fonador da criança, logo irá dizer suas primeiras palavras (SAMPAIO, 2003).

A ampliação de suas capacidades de comunicação oral ocorre gradativamente, por meio de um processo de idas e vindas que envolvem tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de escuta, canto de músicas e brincadeiras, como a participação em situações mais formais de uso das linguagens, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos. (BRASIL, 1998, p. 127).

Segundo Rizzoli (2005) as crianças estão sempre querendo saber o porquê de tudo, isso faz parte dela, mas muitas vezes o adulto não sabe como explicar de forma que ela entenda e as respostas são racionais e pensadas, mas não é esse tipo de resposta que a criança busca. Um livro de qualidade para crianças e voltado para aquele assunto, saberá como abordar aquela situação de uma forma muito melhor do que a do adulto, pois conhece o universo infantil.

(...) ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...) (ABRAMOVICH, 2005, p.17).

Ao escolher um livro, segundo Góes (2010, apud KOBAYASHI, 2013), não é possível agradar a todos, mas pode-se refletir sobre o que ele aborda e se vai atender as necessidades e aos interesses das crianças, se dará o necessário para que tenham um bom conteúdo para adentrarem no mundo dos adultos e para que consiga lidar corretamente com as situações que vão aparecer em sua vida. Portanto, as obras escolhidas para as crianças não podem conter nenhum tipo de preconceito, deve-se escolher obras que irão transmitir um senso de justiça, paz, igualdade e solidariedade.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2010, p.13).

Quando os pais contam uma história para o filho, segundo Bettelheim (2010), estão apoiando a vivência de fantasias criadas pela imaginação. Contudo, o adulto não deve dizer à criança como a história deve ser entendida, assim irá acabar com a essência da história e impedir a criança de ter sua própria conclusão sobre o assunto.

A criança acostumada aos contos de fadas, de acordo com Bettelheim (2010), consegue separar as duas realidades, a do imaginário e a que vive, pois sabe que eles são parte de uma fantasia. Portanto, não é ruim a criança se deixar levar pela história, pois no final da história irá voltar à realidade, que ainda sem a magia dos contos será alegre. Elas podem viver o melhor dos dois mundos, na imaginação participam de diversas aventuras fantásticas e na realidade vive em harmonia com os pais.

Processo lúdico de leitura que, na mente infantil, une os dois mundos em que ela precisa aprender a viver: o *mundo real-concreto* à sua volta e o *mundo da linguagem*, no qual o *real-concreto* precisa ser nomeado para existir definitivamente e reconhecido por todos (COELHO, 2000, p.161).

Ao escutar uma história a criança sente-se importante, pois aquele momento foi criado só para ela. Além disso, as histórias narradas tem valor terapêutico, ler um livro para uma criança hospitalizada não irá cura-la, mas trará muita alegria e esperança (RIZZOLLI, 2005).

O conto de fadas é apresentado de um modo simples, caseiro; não fazem solicitações ao leitor. Isto evita que até a menor das crianças se sinta compelida a atuar de modo específico, e nunca a leva a se sentir inferior. Longe de fazer solicitações, o conto de fadas reassegura, dá esperança para o futuro, e oferece a promessa de um final feliz. (BETTELHEIM, 2010, p. 34).

Contar uma história não é só pegar um livro na estante e ler, pois não seria adequado se o livro tivesse palavras ou assuntos que fossem escandalizar as crianças e tentando contornar a situação o leitor da história começaria a gaguejar, por não esperar encontrar um palavrão ou até uma palavra desconhecida. Portanto, deve-se ler o livro antes, e bem lido, além disso, o ritmo, a melodia das palavras, o acerto das rimas, o texto precisa fluir naturalmente (ABRAMOVICH, 2005).

De acordo com Kobayashi (2013) para ser um bom contador de história deve-se ter simplicidade, bom humor, calor humano, criatividade e carinho com seus ouvintes. As crianças percebem quando o narrador não está transmitindo prazer, alegria e divertimento, pois assim as histórias passam a ser algo ruim.

Os contos de fadas, para Bettelheim (2010), devem fazer parte da vida da criança de modo que não seja visto como uma obrigação, pois a criança tem que ver a literatura como um prazer, uma oportunidade de estar se divertindo, desse modo, o conto irá enriquecer suas

experiências sem força-la a nada, pois a maior qualidade da literatura infantil é compreender o inconsciente da criança.

A falta de leitura, segundo Magalhães (2010), por parte do professor é uma consequência das falhas de sua formação, pois em sua vida acadêmica espera-se que tenha sido preparado com conteúdos de pedagogia, psicologia e arte. O professor que não teve contato com obras literárias, também, não saberá escolher bons livros para seus alunos, prejudicando o desenvolvimento com textos literários infantis pouco relacionado com a necessidade e interesses nessa etapa da vida, não explorará o enredo, a ideologia, o simbolismo e tudo que um livro pode oferecer para aquele que o lê.

Daí a grande importância de o professor ter uma formação literária básica para saber analisar os livros infantis, selecionar o que pode interessar às crianças num momento dado e decidir sobre os elementos literários que sejam úteis para ampliar o conhecimento espontâneo que a criança já traz de sua pequena experiência de vida (FARIA, 2004, p. 21).

Os livros infantis, objeto lúdico, de acordo com Kobayashi (2013), não é só um instrumento de entretenimento infantil, mas também um recurso valioso para uso pedagógico. Porém, cabe aquele que usá-los no ensino, saber quem serão os ouvintes, como planejar as atividades, executar e avaliar. Contudo, esses processos são relativos, pois há inúmeros modos de usar o livro infantil no ensino-aprendizagem.

Para Oliveira (2008, p. 35) a “Literatura Infantil é uma semente fecunda, carregada de vida pronta para desabrochar na mente e no coração dos leitores, na esperança de um futuro mais humano. Como toda semente necessita de cultivo”. À vista disso, pode-se dizer que é importante manter o contato diário da criança, independente da idade, com os livros infantis.

Usar o termo analfabeto se opondo a alfabetizado é possível, segundo Soares (2003), mas o mesmo não pode ser feito com o termo letrado, pois não existe pessoa iletrada, pois em algum momento da vida a pessoa teve contato com a escrita, mesmo não sabendo ler, seja lendo ou pedindo para alguém ler.

Soares (2004) diz que o processo de letramento é consequência do processo de alfabetização, seja ensinando ou aprendendo, por apropriar-se do que está escrito. O professor faz uma parte importante auxiliando seu aluno a se tornar uma pessoa com bom letramento, pois se utilizando de diferentes tipos de textos e livros, para interpretação e leitura, estará colaborando com seu aluno para que alcance um nível de letramento satisfatório. Podendo,

também, utilizar materiais lúdicos e culturais, como os livros infantis, para as crianças menores, pois contem partes escritas que poderão ser lidas para elas.

Sem ser estimulada ao letramento a criança pode ler, mas não vai entender o que está escrito, pois mesmo alfabetizada não teve base para conseguir interpretar e compreender aquilo que leu e isso acarretará em problemas no processo de aprendizagem em diversas disciplinas. Em vista disso, é importante que além de ser alfabetizada a criança compreenda a linguagem oral e escrita, assim saberá atuar como cidadão crítico e independente (SOARES, 2003).

De acordo com Carvalho (1983), os contos de Perrault, Grimm e Andersen antecipam à alfabetização, porque fazem parte da vida afetiva da criança e, segundo Aguiar (2001) todos os professores que buscam o incentivo à leitura devem começar a ler histórias de literatura infantil para seus alunos, pois, além de incentivar a criança a ler os dará a oportunidade de ter contato com diversos tipos de literatura, e assim se apropriarem de conhecimento apresentado.

“É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo, e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didático, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo)” (ABRAMOVICH, 2005, p. 17).

Segundo Bettelheim (2010), a literatura infantil possibilita às crianças a compreensão do significado de suas próprias vidas e essa é a tarefa mais difícil e mais importante que os pais enfrentam. Não há valor na habilidade de ler quando o que se aprendeu a ler não possibilita nenhum acréscimo à vida de quem leu, por esse motivo é que o impacto psicológico que é fornecido pelo conto não é bem sucedido se não cumprir, em primeiro lugar, seu papel enquanto obra de arte. Como Coelho (2000, p. 164) afirma: “Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda”.

Os contos de fadas podem parecer sem sentido, fantástico, assustadores e totalmente inacreditáveis para o adulto que foi privado da fantasia da história de fadas em sua própria infância, ou que reprimiu essas lembranças. Um adulto que não alcançou uma integração satisfatória dos dois mundos, o da realidade e da imaginação, fica desconcertado com esses contos. Mas um adulto que é capaz de integrar em sua própria vida a ordem racional com a ilogicidade de seu inconsciente responderá à maneira pela qual o conto de fadas auxilia a criança nessa integração (BETTELHEIM, 2010, p. 97).

Quando a criança toma a voz do educador emprestada, de acordo com Britto (1994), por meio da leitura, reforça a importância do trabalho de fazer *a hora da história*, que deveria ser uma atividade permanente no planejamento mensal de todo professor.

Miguez (2009) aborda a importância da literatura infantil tanto para a conquista da habilidade de ler quanto para seu desenvolvimento de leitor em potencial, pois essa arte pode contribuir na formação de cidadãos mais críticos e atuantes em nossa sociedade.

Se, adquirindo o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto ao seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. É nessa dimensão que ela se constitui em meio emancipatório que a escola e a família, como instituições não podem oferecer (CADEMARTORI, 1995, p.19).

O amor pela leitura e pelos livros não é algo pronto, que nasce conosco, como a antropologia já confirmou, o homem entre os seres vivos é o único que não carrega padrões de comportamento quando nasce. Será no decorrer da vida, através de oportunidades que serão oferecidas, das experiências adquiridas, incluindo os fatores hereditários, que se constituíram a formação da criança (KOBAYASHI, 2013).

O objetivo de tudo isso é fazer com que a criança aprenda a amar os livros, para que desenvolva a curiosidade em descobrir os livros e para que se crie nela, também, uma motivação para querer aprender a ler, para conhecer: para que, no futuro, tenha a capacidade de se introduzir nesse processo de leitura, que tenha o desejo de entrar em contato com esse mundo escrito e que tenha também a criatividade necessária para entrar em contato com as informações. Isto, para nós, é a chave do sucesso na vida (RIZZOLLI, 2005, p.15).

## **2.2 As ilustrações nos livros infantis**

Segundo Nakata (2013) é difícil saber como aconteceu à evolução e transformação da ilustração nos livros infantis, mas durante os anos, as imagens foram ganhando espaço, tornando cada vez mais importantes e indispensáveis para ganhar a atenção do público infantil. Atualmente, é fácil encontrar diversos estilos de ilustração em diferentes técnicas, os primeiros livros com imagens foram feitos, no final do século XVIII, usam xilogravura (figura 5), pois naquela época era a única maneira de imprimir figuras e caracteres em uma mesma folha.





Figura 5 – Esculpindo madeira para xilogravura.

Fonte: <https://robertakulpin.wordpress.com/2012/03/20/gravuras/xilografia-1/>. Acesso em 19 de Março de 2015.

Na metade do século XIV, a Litografia (figura 6) surge e se difere da Xilogravura, que é a impressão que se faz a partir dos sulcos sobre uma superfície plana, a Litografia é feita com lápis, pincel ou pena, desenha-se com o material gorduroso sobre uma pedra plana, o princípio dessa técnica é a repulsão da água pelo óleo. Com as técnicas de impressão cada vez melhores os trabalhos que reuniam imagens e textos começaram a ser impressos com muito mais qualidade, facilidade e em maior quantidade (NAKATA, 2013).



Figura 6 – Litografia.

Fonte: <http://www.oanagrama.com/2012/05/arte-da-litografia.html>. Acesso em 19 de Março de 2015.

Os avanços tecnológicos e o desejo de uma literatura que fosse destinada às crianças, de acordo com Nakata (2013), do editor Hetsel, escritor por de *“La Journée de Mademoiselle Lili”* (1862), possibilitaram a publicação de obras de literatura infantil, francesas, nos anos de 1860. Anos depois, foram lançadas obras onde as imagens prevaleciam sobre os textos como em *“Max und Moritz”* (1865), de Wilherm Busch, composta de uma sequência de imagens e apenas alguns blocos com textos, diferente de obras que antecediam a essa como *“La Journée de Mademoiselle Lili”* (1862) que toda imagem recebe um texto.

Após serem impressos por Edmund Evans, importante impressor de livros, e ilustrados por Randolph Caldecott, conhecido por ser o pai da ilustração moderna, os livros *“Toy Books”*, de Walter Crane e Kate Greenaway, marcaram o início de uma nova fase para a ilustração, que ganha uma abordagem com recursos visuais interessantes e também adquire a função decorativa. A partir disso, o ilustrador Boutet de Monvel começou a pesquisar modos de aperfeiçoar suas ilustrações, dedicou-se principalmente às páginas duplas, quando a ilustração se estende por duas páginas abertas, colocando os textos junto às imagens (NAKATA, 2013).

Com a publicação de *“A história de Babar”* (1931), escrito por Jean de Brunhoff, é possível notar que as ilustrações estão sendo levadas a um novo nível, pois agora a imagem

obtem folhas duplas, é unido ao texto se tornando um só conjunto, impossíveis de serem separados. Baseando se nas pesquisas da época em Psicologia e Pedagogia, o livreiro e, também, pedagogo Paul Fisher publica a coleção “*Albums du Père Castor*” (1931), no qual ele propõe uma leitura ativa e mostra seu apreço pelo visual do livro (NAKATA, 2013).

A Segunda Guerra, de acordo com Nakata (2013), mudou o rumo que as publicações de livros infantis estavam tomando, pois ao seu fim, os livros foram deixados em segundo plano, por causa da perda de grandes ilustradores e da falta de matéria prima.

Anos depois, as ilustrações de “Onde vivem os monstros” (1963/2009), de Maurice Sedak, retratam o inconsciente infantil. As ilustrações se desprendem de sua função pedagógica. Algumas editoras pequenas, décadas de 1970 e 1980, abriram novos caminhos para o livro ilustrado, compondo os com fotografias ou outros estilos pictóricos, aumentando o número de livros imagéticos publicados. Dos anos 1990 a 2000 foram os anos das “pequenas editoras”, que apesar de não terem sido as únicas a aceitarem trabalhos cheios de originalidade foram as que aceitaram uma grande quantidade dessas obras, pois muitos editores buscavam novos talentos. Sendo flexíveis e assumindo riscos, com muita dedicação esses editores tiveram um avanço em sua produção e propiciaram ao livro ilustrado a oportunidade de explorar novos caminhos (NAKATA, 2013).

Como aponta Nakata (2013), hoje é difícil diferenciar o original de uma reprodução, pois os procedimentos de fotogravura avançaram durante os anos, a técnica se sofisticou, sendo possível reproduzir imagens até mesmo com relevo. Com o uso da informática e bons materiais para impressão, como o papel, as tintas e a impressora, a imagem chega à perfeição. Em relação a escolha do papel, o autor afirma: “A qualidade do papel de impressão é determinante na reprodução das imagens, e será escolhido um papel fosco, brilhante, glacê, bufã, acetinado, couché, etc., em função do efeito desejado.” (NAKATA, 2013, p. 95).

Há diversas maneiras de se dar a aparência desejada para a impressão, pois apesar da impressora ter apenas quatro cores (ciano, magenta, amarelo e preto) é possível, através da escala Pantone, escolher tons que são impossíveis conseguir com essas quatro cores, como cores metálicas e fluorescentes. O verniz pode ser usado apenas em alguns pontos para que haja um jogo entre brilhante e fosco, dando um efeito especial na ilustração. A ilustração no livro infantil foi ganhando espaço conforme foi evoluindo e, conseqüentemente, sendo alterada, através dos novos processos de reprodução. (NAKATA, 2013).

As linguagens presentes no objeto cultural se oferecem como portas de acesso ao sentido ali constituído e cuja escolha inicial do leitor recai na ilustração, sedutora, mas complexa em suas articulações ao dialogar com a palavra. Por isso, é imprescindível retirar a ilustração de uma condição secundária ou de invisibilidade e compreendê-la como linguagem impregnada na manifestação de sentido textual. (RAMOS; PANOZZO, 2006, p. 12).

Para Camargo (1995) a ilustração é a imagem que acompanha o texto, podendo ser um desenho, uma pintura, uma fotografia, um gráfico ou qualquer outro tipo de imagem. O projeto gráfico é o planejamento de qualquer tipo de impresso, mas se limitarmos a definição apenas aos livros infantis, nesse projeto conteria a escolha do material em que o livro será impresso, o tipo de impressão e formato, o número de páginas e tipos de fonte, e as ilustrações.

A imagem deve ser clara e econômica também quanto à indicação das ações, que por outro lado não podem se perder em meio às descrições visuais estáticas. Além disso, devemos considerar que a ilustração divide as páginas do livro com o texto escrito, por meio do projeto gráfico, e por isso os espaços destinados à imagem precisam ser muito bem aproveitados, condensando informações, mesmo nos livros em que o texto é pequeno (FARIA, 2004, p. 43).

Segundo Abramovich (2005), os livros imagéticos constroem uma narrativa sequenciada sem precisar usar palavras. Esse tipo de livro leva a criança a narrar a história com suas palavras, criando um texto oral ou imaginário, podem desenvolver situações que foram apenas sugeridas pelas imagens ampliando os detalhes propostos e muitas vezes sonorizando os acontecimentos. Essa atividade de olhar e criar também faz uso essencial da visão, pois sem o texto, a visão e imaginação são unidas. Lins (2003, p.31) aponta que: “O texto escrito conta uma história recheada de imagens nas linhas e nas entrelinhas. A imagem complementa e enriquece esta história, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias”. Abramovich (2005) fala sobre a importância da leitura para as crianças, dado que a criança é capaz de ler as imagens e todos os outros elementos visuais de um livro infantil.

Os livros sem texto, cheios de ilustrações, estimulam a imaginação da criança, permitindo que ela mesma faça uso do “verbo”, oralizando as muitas possibilidades que as ilustrações permitem. O contato com ilustrações são sobre tudo “experiências de olhar”, de “ver” diferenciado, conforme a percepção que a criança tem no mundo (MOBRICE, 1990, p. 45).

Segundo Coelho (2000), quando um bebê está por volta de seus 18 meses os textos e ilustrações já são entendidos. Então a criança que tem a oportunidade de estar em contato com

o livro ilustrado pode aumentar seu vocabulário, ter um aumento na atenção visual e a sua capacidade de percepção, além de desenvolver na sua imaginação.

Pais e filhos, mesmo de colo, podem partilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo dos livros. Folheando-os e mostrando figuras, os pais estarão ensinando o nome das coisas conhecidas e desenvolvendo nos filhos um saudável interesse pelos livros, por toda vida (SANDRONI; MACHADO, 1986, p. 12 apud SENHORINI; BORTOLIN, 2008, p. 127).

O livro que possui apenas imagens tem um público infantil vasto, pois trás a possibilidade de leitura, mas não a escrita, pois esses livros usam a linguagem visual. Essa narrativa visual é importante para o desenvolvimento da leitura, criando uma narração através da visão (CADERMATORI, 1995). Nakata (2013, p. 100) por sua vez, afirma que “Quando os ilustradores desenvolvem livros sem texto, estão utilizando também uma forma de expressão, dando visibilidade e voz para as imagens por meio de uma visão particular”.

Segundo Powers (2008) ilustrar animais também é um ótimo atrativo para o público infantil, um exemplo é do livro de Pedro Coelho (figura 7), da escritora e ilustradora inglesa Beatrix Potter (1866-1943), a escritora deu aspectos humanos aos animais, eles usam roupas e vivem em casas, e isso unido ao seu belo traço delicado e a coloração em aquarela, ela ganhou a atenção de crianças pelo mundo todo.

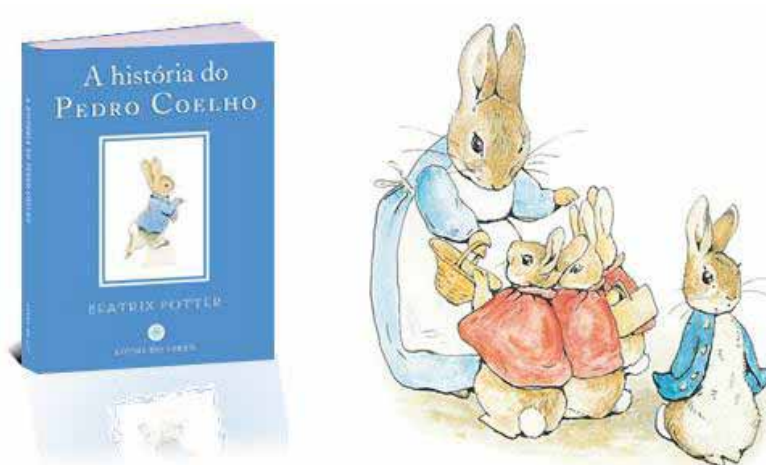


Figura 7 – Composição de ilustrações do livro “A história do Pedro Coelho”, de Beatrix Potter.  
Fonte: <http://cultura.culturamix.com/historia/a-historia-do-pedro-coelho-beatrix-potter>. Acesso em 19 de Março de 2015.



Para atender diversos gostos do público infantil, a materialidade e formato dos livros são bem diversificados. Nesses livros pode haver texto, mas a ocupação dele não deve ser superior ao das imagens. As técnicas de impressão contribuíram para a diversidade de estilos que uma imagem pode ter como os livros *Pop-up*, um exemplo é a de “Alice nos pais das maravilhas: Adaptação em Pop-up da Obra de Lewis Carroll”, recontada por Robert Sabuda (figura 8), onde há recortes e maneira pontual e articulada com o conteúdo (NAKATA, 2013).



Figura 8 – Livro *Pop-up* de Robert Sabuda, “*Alice's Adventures in Wonderland: A Pop-up Adaptation of Lewis Carroll's Original Tale*”. N. Y: Little Simon, 2003.

Fonte: <http://www.lib.udel.edu/ud/spec/exhibits/text/carroll.htm>. Acesso em 23 de Março de 2015.

O traço simples foi pouco usado no livro ilustrado, segundo Nakata (2013), pois requer certa aptidão com o lápis, pena ou carvão. O lápis de cor voltou a ser bastante usado não só no colorir, mas também para os traços. Uma das técnicas mais usadas nos livros infantis é a traçado a lápis, pena ou caneta nanquim, e colorido com aquarela ou tinta. O uso da tinta é bem disseminado entre os ilustradores de livros destinados as crianças pequenas, pois podem ter diferentes texturas dependendo da superfície onde for pintada, com uso diferenciado de pinceladas e a tinta acrílica, aquarela e guache podem ser diluídos refinando novos efeitos visuais. Os pastéis oleosos também são bastante usados, por sua espessura e rugosidade e a aquarela por sua transparência e luminosidade.

De acordo com Nakata (2013), a fotografia se alastrou, depois dos anos 80, nos livros infantis, especialmente nas obras não narrativas, mas com passar dos anos, as técnicas tenderam a se modificar e, no século XXI, foi a técnica de ilustração mista que mostrou sua importância, as imagens mais comuns tem o uso combinado da pintura, desenho e colagem. Hoje o computador é um instrumento de grande valia para ilustradores e designers, pois o desenho digital está cada vez mais se aprimorando, em um curto prazo de tempo. Através de várias obras publicadas de livros ilustrados é possível notar o desenvolvimento dessa técnica, pois é cada vez mais difícil notar o uso das ferramentas digitais, entretanto, o lápis nunca deixará de ser uma das ferramentas de um ilustrador, pois como o autor aponta: “Essas condições efetivamente planejadas pelos designers e ilustradores tendem a canalizar para a aceitação do livro infantil e potencializar na formação do leitor.” (NAKATA, 2013, p. 106). Com essa breve retrospectiva é possível saber o caminho que o livro ilustrado passou, até se firmar e conseguir alcançar o status de imagem.

Segundo Massoni (2012), os personagens dos livros podem ser realistas ou não, pois não há parâmetros de certo ou errado. Estés (2005 apud MASSONI, 2012) afirma que para a ilustração ser boa tem que ser realista, sendo importante que o desenhista tenha noção de anatomia, e deve ser uma obra de arte, não um trabalho feito por um “borrador”, mas para Abramovich (2004 apud MASSONI, 2012) os desenhos que são realistas são feios e duros. Portanto, há dois lados a serem considerados, mas como existe uma grande público e com gostos diferentes é válido dizer que tanto a ilustração realista quanto a não realista terão a quem agradar.

Ao desenhar uma ilustração deve-se levar em conta a expressão que o personagem apresenta, pois na maioria das vezes a emoção do personagem estará definida ali e não no texto. Desse mesmo modo é importante que a imagem ilustrativa não seja apenas uma cópia do que se lê e sim uma extensão que irá contribuir com a história e, desse modo, justificar sua existência. De mesma importância para ilustração do livro infantil, as cores têm seu papel de atrair a criança, portanto é oportuno que as imagens tenham cores vibrantes e chamativas (MASSONI, 2012).

(...) a ilustração infantil também deve ser avaliada, bem como o livro infantil, pela sua estética e criatividade, pois como já foi citado acima, o livro não atinge impacto psicológico sobre o leitor se não desenvolver, antes disso, seu papel enquanto obra de arte, que propicia prazer e divertimento (MASSONI, 2012, p. 128).

A ilustração é uma das partes do livro infantil que, para Massoni (2012), deve ser analisada antes de ser disponibilizada para criança, pois pode haver preconceito, através da disseminação de estereótipos. Porém se houver algum tipo de preconceito presente na ilustração, pode-se mostrar aquela imagem para a criança com intuito de saber o que ela acha do que vê, assim irá desenvolver o seu senso crítico, que é importante para se tornar um bom cidadão.

(...) ilustrações têm servido de veículo para o reforço de estereótipos e preconceitos. Personagens más são invariavelmente feias, enquanto fadas, príncipes, princesas e heróis apresentam sempre um ótimo aspecto. A avó é geralmente representada por uma velhinha de cabelos brancos e coque, tricotando em uma cadeira de balanço, e o avô, por um velho gordo, de óculos na ponta do nariz, chinelos e com uma aparência bonachona. Mesmo em livros que contam histórias atuais, a mãe aparece de avental e espanador na mão; o pai, segurando uma pasta ou um jornal. A empregada, o marginal e o operário são quase sempre negros. (JARDIM, 2000, p. 76 apud MASSONI, 2012, p. 125).

### **2.3 Ambientes para pequenos leitores**

Um local de leitura para a criança, segundo Rizzoli (2005), é um lugar onde ela pode desenvolver conhecimento e ter uma ligação com os livros, que deixam de ser só um texto e se tornam a chave para um universo mágico, que irá despertar o gosto pela leitura.

Criando um ambiente na casa que, segundo Caversan (2013), seja destinada à leitura e aos livros, a família ajudará na formação da criança como futuro leitor, porém, esse local precisa ser arrumado e preservado, pois a criança imita os pais em busca de modelos, para que assim, a criança perceba a importância dos livros. É importante, também que a criança possa pegar e guardar o livro na hora que desejar, trabalhando sua autonomia. Além disso, quanto maior for o contato das pessoas com a linguagem escrita em seu ambiente, mais elas serão estimuladas e, conseqüentemente irão se aperfeiçoar.

Esse canto preparado para a leitura tem que ser muito confortável, porque as crianças não ficam sentadas nessa idade. Elas engatinham, sentam-se no chão, deitam e rolam pelo piso. Por isso, um lugar macio, bem aconchegante, com paredes macias, revestidas de almofadas ou colchonetes forma o espaço adequado. As crianças tocam todo o espaço, então há várias texturas esperando o toque da mão nesse canto em que tudo deve ser provocador da leitura. Chamamos esse espaço de canto macio (RIZZOLLI, 2005, p. 17).



Para Facchini (2009) o espaço deve ser agradável tanto para as crianças quanto para os adultos que as acompanham, sendo possível andar pelo local sem dificuldades, mas não pode ser um local muito grande, pois esses causam vontade de correr na criança. Assim sendo, o local deve ser aconchegante, não apertado, e que incite a seu público a entrar no mundo da imaginação. Além dos livros o local de leitura pode ter “Tudo que possa propiciar o acesso à magia dos contos deve estar à disposição: panos coloridos, espelhos, tules, varinhas mágicas, fantasias, entre tantos” (FACCHINI, 2009, p. 15).

Para que o objeto lúdico, que no caso é o livro, tenha uma boa interação com a criança é necessário estar acessível, de modo que a criança consiga pegá-lo sem precisar de ajuda, portanto, é necessário que estejam em um local de seu alcance. E os livros devem ser guardados em lugares onde fiquem no campo de visão da criança (CAVERSAN, 2013).

Dada a força bruta dos bebês, o mobiliário deve ser forte para aguentar a sua energia e leve para que, na eventualidade de acidentes, eles não se firam com gravidade. Todos os materiais postos à disposição das crianças devem atender ao quesito segurança (FRANCCHINI, 2009, p.15).

As crianças, durante a primeira infância, vivenciam de forma sensorial o espaço em que se encontram. Portanto, o ambiente deve ser acomodado de forma que permita a exploração e a vivência de novas experiências, assim encontrarão respostas de suas perguntas (OLIVEIRA, 1992, apud CAVERSAN, 2013). Quanto mais cedo a criança entrar em contato com os livros mais ela vai se acostumar ao uso dele e torna-lo parte da vida dela.

Por volta dos 3 anos, possuir uma pequena estante de livros que esteja ao seu alcance, que contenha livros que podem ser manuseados, no início aqueles que tem “folhas” bem espessas, que, conforme a idade, vão se tornando mais finos, é muito importante para criança (CAVERSAN, 2013, p. 111).

Antes de fazer uma narrativa de história ou mesmo deixar as crianças livres na sala de leitura, de acordo com Kobayashi (2013), precisa ser percebido se o local é confortável e se não é barulhento, pois isso irá atrapalhar as crianças, além disso, o local precisa ter uma temperatura agradável para que ela sinta um conforto térmico. Um local adequado para a leitura cria um clima bom para contar de histórias. E quanto à qualidade dos livros infantis deve ser observado senão há nenhum tipo de negligência ou vulgaridade, pois é inaceitável.

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. À luz excessiva nos irrita enquanto a penumbra

tranquiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala o nosso sono [...] e o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço. Começamos assim a compreender a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler (SENHORINI & BORTOLIN, 2008. p.124).

De acordo com Faria (2004), limitando o acesso da criança ao livro, o professor faz com, que ela veja o livro de forma errada, pois se tornará uma insatisfação se não puder manipulá-lo. As crianças só saberão que precisam tomar cuidado com os livros, ou outros materiais da escola, se sempre tiverem contato com eles. A criança irá adquirir conhecimento sobre leitura se for incorporado ao ambiente apropriado para o letramento e a alfabetização, que possibilite participar de momentos para leitura.

Massoni (2012, p. 122) afirma que a “A infância é uma das fases em que o ser humano mais demonstra curiosidade, vontade de interagir com tudo à sua volta. Nesse período, em especial, o contato com a leitura torna-se importante e proveitoso para desenvolver sua fantasia e criatividade”, portanto, pode-se dizer que a criança estando em um ambiente que lhe traga o prazer da leitura, conforto e desperte sua imaginação, conseqüentemente fará com que ela goste de estar ali, em contato com os livros.

Tanto na escola quanto na casa o acesso aos livros pode se tornar mais fácil, pois de acordo com Rizzolli (2005, p. 20) “Uma mala com rodinha, que, ao se abrir, se torna uma estante, se presta a esse serviço de levar as histórias para lá e para cá”.

Para Caversan (2013) estar familiarizada, desde pequena, com os livros faz com que a criança não entenda a leitura como um compromisso, ou estudo, mas sim adquira prazer dessa atividade. Além do mais, através de uma pesquisa feita pelo PISA (2011, apud CAVERSAN, 2013) a quantidade de livros disponíveis na casa de uma criança pode influenciar em seu rendimento escolar, é constatado um aumento nas notas escolares de até 17% em matérias como Português, Ciências e Matemática.

O primeiro ambiente que deve estimular a leitura é o familiar, a criança que está inserida em um ambiente que dispõe de uma ampla variedade de textos, como os livros de literatura, revistas, entre outros, mesmo não os lendo, por não ser alfabetizada, pode ter contato com seu conteúdo pela leitura em voz alta, feita pelo adulto, assim estará em um nível de letramento acima do que a criança que os pais não lêem, pois o letramento é determinado pela variedade dos gêneros escritos que a criança ou o adulto pode entender e reconhecer

(SOARES, 2003). Em vista disso, é importante que os adultos disponibilizem materiais variados de leitura para seus filhos e alunos.

O projeto Bebeteca é mais uma modalidade de animação cultural. Acredita-se que, logo a partir dos seis meses, deve-se proporcionar o desenvolvimento de atividades relacionadas com o livro e com a leitura, envolvendo os pequenos leitores e suas famílias, desfrutando de momentos lúdicos, à volta do livro e da leitura, num ambiente de cor e fantasia (FACCHINI, 2009, p. 16).

A Bebeteca (figura 6) é a biblioteca destinada aos bebês, até os 3 anos, Segundo Facchini (2009) a criança que participa das leituras compartilhadas, nesse local, desenvolve seu imaginário, e aos poucos toma o gosto pela leitura. A razão da Bebeteca existir é promover situações em que crianças de zero a três anos entrem em contato com a leitura e incentivando as famílias a manter a relação da criança com os livros. Pois, autora cita que: “O livro, além de objeto cultural, está se transformando em um brinquedo para as crianças, indicando que os aspectos cognitivos e afetivos estão, necessariamente, articulados com os processos de linguagem” (FACCHINI,2009, p.11).



Figura 6 – Bebeteca.

Fonte: <http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=274875>. Acesso em 20 de Março de 2015.

Além do trabalho direto com os bebês, a Bebeteca pode promover cursos de gestantes e lactantes em interação, oferecer cursos de formação continuada a profissionais de berçário, portanto, desenvolver projetos de pesquisa cujo foco seja o bebê (FACCHINI, 2009).

Seja no espaço para leitura, seja nas creches e nas pré-escolas, a finalidade do trabalho é sempre motivar as crianças à leitura buscando o prazer da escuta e da narração, a curiosidade do saber, a autonomia do pensamento. O livro é proposto, então, como chave de acesso ao mundo da imaginação e pode tornar-se um objeto para ser explorado, para inventar-se e para construir (RIZZOLLI, 2005, p.20).

### **CAPITULO 3: LIVROS PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS**

O reconhecimento da infância, a preocupação com comportamento das crianças perante a sociedade e a educação, moral e pedagógica, são bem recentes, pois a criança passa por um longo processo até ser valorizada e ter direito a desfrutar de sua infância (ARIÈS, 1978).

De acordo com Ariès (1978), por volta do século XII, a criança não passava pelos estágios da infância os quais já estão estabelecidos na atualidade, pois ela não era diferenciada dos adultos. A criança era vista como instrumento pelos adultos e assim que mostravam independência física eram inseridas no mundo deles. A educação era garantida pelos adultos, através de tarefas feitas com eles.

No fim do século XVI e durante o século XVII ainda, segundo Ariès (1978), os costumes começam a se modificar, assim como a vestimenta, e as preocupações quanto à criança. Porém, não é toda criança que irá ter seu direito de infância concedida, dado que as famílias não têm a mesma condição financeira, social e cultural. Essa preocupação com as crianças estava ligada diretamente ao modelo de ensino da época, significando que era preciso mostrar ter sido educado com boas maneiras e saber regras de etiqueta. Entretanto, o modelo de comportamento estava para ser mudado, no início do século XVII, e surgia uma nova literatura pedagógica, destinada às crianças e jovens, mas também aos pais e educadores.

As escolas chamadas de Centros, até o fim do século XVIII, podiam ser frequentadas por pessoas de qualquer idade e não eram divididos por faixa etária, esses Centros tinham um caráter técnico, fazendo com que somente jovens as frequentassem. Porém alguns pensadores dessa época se comprometeram a criar uma educação diferenciada, que era delimitada pelas classes sociais, chamaram de primária e secundárias. Essa escola discriminava as crianças que eram muito pequenas, especialmente se não fosse burguesa (ARIÈS, 1978).

O aumento do capitalismo e o uso das crianças como mão de obra barata só contribuiu para o aumento da desigualdade. Esse fator foi culminante para a formulação de leis e recursos contra o trabalho infantil e para a proteção da infância das crianças que vinham de famílias menos favorecidas financeiramente, para que tivessem a oportunidade de um bom desenvolvimento e aprendizado (ARIÈS, 1978).

Atualmente, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069 de 13 de Julho de 1990) a criança é um indivíduo que está inserido em uma sociedade e deve ter garantida uma infância que permita seu desenvolvimento psicomotor, afetivo e cognitivo.

Como aponta Coelho (2000) o desenvolvimento da criança é um fator importante, pois é preciso que se tenha um desenvolvimento na íntegra, ou seja, social e psicológico, por isso é fundamental que se possam oferecer condições à criança de ter um desenvolvimento sócio-afetivo adequado e desenvolver também a sua capacidade de aprendizagem respeitando os limites de cada idade. Em seu período de desenvolvimento, a criança precisa aprender a ler e escrever, esse papel de ensinar tais saberes são dados à família e aos professores, que devem dar a oportunidade à criança poder exercer seu papel como cidadão letrado. Coelho (2000, p. 164) ressalta: “[...] a literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida [...]”.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2010), há pouco tempo à literatura infantil, ainda era considerada como um gênero secundário, a valorização da literatura infantil, como formadora de consciência e caráter é recente. Durante o século XVII, a literatura não era adequada para crianças, não havia nada escrito que levasse em conta aspectos da infância, pois não eram diferenciadas dos adultos e ouviam os mesmos contos que eram contados para os adultos.

Foi no fim do século XVII e durante o século XVIII, na França, que a Literatura Infantil surge como um gênero para criança, pois seu surgimento acontece na Idade Moderna, em razão à nova concepção da família burguesa e da reorganização da escola. A visão burguesa sobre a família é o pai sendo o sustento econômico da casa e a mãe administrando a vida doméstica particular, a criança foi beneficiada nesse acordo. Pois, o objetivo principal da família passa a ser os cuidados com a criança. E a criança passou a ser vista como um ser diferente do adulto, com necessidades especiais para suas características. Houve o surgimento de novos objetos industrializados, o brinquedo, o livro, e os objetos culturais para o público infantil. As áreas da psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria passam a orientar os cuidados com a educação da criança (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de

suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão (ZILBERMAN, 1985, p. 13).

A partir da visão de que a Literatura Infantil poderia contribuir para a formação da criança como indivíduo integrante de uma sociedade, que foram escritos os primeiros textos e livros destinados a elas, escritos por professores e pedagogos. Partindo dessa visão, uniu-se educação e literatura infantil. Os primeiros livros infantis possuíam no final do século XVII aspectos moralistas e didáticos. Com os avanços da ciência e da educação esses objetos se modificaram, atuando como agente de formação, mas com o fim de divertir os pequenos leitores (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

Portanto, percebe-se que a literatura infantil é decorrente do avanço da família burguesa, do novo "status" concedido à infância na sociedade, da reorganização da escola e da associação com a Pedagogia, convertendo-se em um sentido para a literatura, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento pedagógico.

Atualmente, partindo de um pressuposto que a criança é uma pessoa em crescimento e desenvolvimento, os “Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (BRASIL, 1998), propõem práticas pedagógicas que devem promover o conhecimento sobre si e sobre o mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas e corporais que possibilitem a expressão da individualidade e dos desejos da criança.

A primeira infância é assunto de muitas pesquisas em diversas áreas como a Psicologia e Sociologia, ambas defendem essa fase de desenvolvimento da criança como sendo a base a ser construída e que será levada por toda a vida (UNESCO, 2007). Partindo desse princípio é notável que todos aqueles que estão envolvidos com crianças nessa fase, sejam professores ou pais, estejam conscientes que suas ações não vão só vogar para o momento atual do desenvolvimento da criança, como também nos posteriores. Portanto, é importante que a criança tenha um desenvolvimento pleno.

Para Bettelheim (2010) e Miguez (2009) a literatura infantil tem funções na vida de todos e uma delas é contribuir na formação do indivíduo, contribuindo em uma fase determinante para a vida, a infância, pois é quando acontece o desenvolvimento da formação do pré-leitor.

É, também, nessa fase que a criança esta se descobrindo, pois sua personalidade está em formação, por isso precisa ter certa liberdade para expressar sua autonomia e originalidade.

Durante os seis primeiros anos de vida a criança passa por três estágios de desenvolvimento da personalidade, o período da negação, idade da graça e período da imitação (WALLON, 1953).

A negação é a fase onde a criança tem necessidade de se afirmar de impor sua opinião. No período da idade da graça, a criança quer toda a atenção voltada para ela e faz de tudo para conseguir isso, é uma fase excelente para ser dada a oportunidade de a criança participar de atividades que irão ajudá-la a se expressar e ser mais espontânea como a música, a dança e arte. Durante a fase da imitação é visto na criança o gosto de imitar, essa atitude é essencial para a assimilação do mundo ao seu redor (WALLON, 1953).

Para Wallon (1994), o emocional da criança, se inicia durante seu primeiro ano e esta em ligação com a afetividade, e emoções, que recebe do contato com as pessoas à sua volta. À vista disso, é importante a presença do adulto de modo positivo e constante na vida da criança.

Coelho (2000) aborda sobre a ausência da literatura infantil nos lares, dado que atualmente as pessoas estão se esquecendo de que as crianças precisam ter um bom desenvolvimento, abrangendo os aspectos físicos, emocionais, sociais, cognitivos e de aprendizagem. Para um bom desenvolvimento a criança necessita de um ambiente acolhedor, harmonioso e rico em experiências.

A diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura (COSSON, 2006, p. 35).

De acordo com Coelho (2000) na escolha de livros, é necessário levar em conta a adequação do texto e as etapas do desenvolvimento da criança, essa tarefa é muito mais do que escolher a faixa etária correta. Devem ser observadas a relação da idade cronológica e o amadurecimento afetivo e intelectual em que a criança se encontra, portanto, devem indicar livros que sejam adequados para pré-leitor (primeira e segunda infância), leitor iniciante, leitor em processo e leitor fluente.

Bettelheim (2010) afirma que o conto de fadas além de divertir crianças favorece o desenvolvimento da personalidade, além do mais, há tantos modos que um simples livro pode transformar a vida de uma criança que ele nunca irá conseguir descrever todos os bens que a literatura infantil pode fazer na vida da criança.



Assim, a escolha de livros para criança pequena é a razão para o professor ter uma formação literária básica que ajudará na hora de analisar livros infantis, selecionar conteúdos de interesse da criança e decidir sobre os elementos literários que sejam úteis para ampliar o conhecimento que a criança já traz de sua experiência de vida de modo natural, sem ser forçado (FARIA, 2004).

Quanto aos níveis de leitura, Martins (2005), aponta três níveis, o primeiro, *sensorial*, tem início muito cedo e está ligado a os aspectos físicos do objeto a ser lido como o tato, imagens, cores, materiais, sons entre outros. O segundo, *emocional*, relacionado aos nossos sentimentos, que permite identificar os personagens da história e imaginar no lugar onde ele se encontra, e o terceiro nível, *racional*, é conexo ao intelectual, no final em que o leitor vê o texto e analisa os personagens, a emoção, o tempo, espaços e teor das revelações da história, mas se mantém distante. Os três níveis agem ao mesmo tempo, porém, nas crianças mais novas o sensorial e emocional prevalece ao racional. Pode-se afirmar que entre os três níveis de leitura estudado nessa pesquisa prevalece o sensorial, sendo assim, ressaltando a importância da ilustração e dos detalhes que compõem o livro infantil.

De acordo com Coelho (2000) a criança dos 15 meses até os 3 anos, pré-leitor, está na fase de tocar e manusear objetos, essa fase é chamada de “invenção da mão”. A criança está em constante descoberta de si mesma e do mundo ao seu redor, por esse motivo é tão importante que o livro a ser oferecido para a criança seja adequado e resistente: como pano, plástico, madeira, entre outros. E para chamar a atenção, além das ilustrações, também podem ser usados objetos que conversem com a criança como os fantoches e dedoches. A presença de um adulto é necessária, pois será ele quem apoiará as ações da criança, levará as opções mais adequadas e contará as histórias, dando nomes aos personagens e objetos.

Segundo Caversan (2013) as crianças pequenas sentem necessidade de pegar, brincar e colocavam na boca objetos que são dados a elas, pois estão na fase de descobrir as texturas e as proporções. Portanto os livros mais indicados são os que não rasgam, são macios e leves. Atualmente é muito fácil encontrar uma grande diversidade de livros infantis disponíveis com folhas grossas, feitos de tecido, impermeáveis (os de banho) e os fofinhos.

Segundo Senhorini e Bortolin (2008) os livros de papel grosso (papelão); os livro-dedoche, os livros de pano; os livros de espuma; os livros de papel cartonado são adequados para fazer parte do acervo de uma casa ou Bebeteca.

Essa vontade que a criança tem de pegar tudo que está ao seu alcance, de acordo com Wallon(1994),é por causa do estagio de desenvolvimento sensório-motora da criança tende a durar até seu terceiro ano de vida, em vista disso, é importante que a criança, o qual tenha estímulos para exploração sensório motor, principalmente até os 3 anos, e os livros infantis para essa faixa etária tem bastante a oferecer como objeto de exploração dos sentidos.

Para Massoni (2012) as cores vibrantes são um fator que atrai muito as crianças, especialmente as mais novas, portanto as ilustrações coloridas devem ser mais usadas do que a preta e branca. Outro elemento importante é o tamanho que as imagens têm, pois dependendo de sua dimensão dificulta as crianças a enxergarem, principalmente se for mostrar a imagem para varias, desse modo *imagens grandes e coloridas* devem estar presentes nos livros infantis. Para Benjamin (1987, p. 241) : “A imagem colorida faz a fantasia infantil mergulhar, sonhadamente, em si mesma. A gravura em branco e preto, a reprodução sóbria e prosaica, levam-na a sair de si”.

De acordo com Jardim (2000), para as crianças pequenas, até os dois anos, as histórias devem ser rápidas e curtas, já que as crianças tendem a se distraírem facilmente, as ilustrações devem ser abundantes e se possível ocupar a página toda, os livros precisam ser resistentes e ter folhas grossas para que seja fácil de ser manuseadas por crianças, e, quanto menor a criança for maior deve ser a quantidade e o tamanho das ilustrações do livro. Nessa fase as crianças têm um grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados. Os fantoches continuam a ser um ótimo recurso, assim como a música e sons.

Estar inserida no cotidiano das crianças sob a forma de ações significativas de linguagem onde o livro constitui-se em mais um objeto ou brinquedo a ser conhecido e explorado desde os primeiros meses de vida. Não se trata de ensinar um bebê a ler, mas de permitir que este, a partir de jogos de linguagens e de leituras mediadas, compartilhadas com um adulto, construa significações benéficas para a estruturação de sua individualidade. E isto é radicalmente distinto da prática usual em que o ato de ler torna-se para a maioria da população um mal necessário (FACCHINI, 2002 apud FACCHINI, 2009, p. 16).

A madeira é outro material que pode ser usado na confecção de livros infantis, o contato com materiais naturais favorecem a criança, pois a criança assemelha sua textura com a da árvore, da mesa, do assoalho e entre outros. Os livros de plástico apesar de não terem uma textura natural, tem outra qualidade por possuírem maior durabilidade e

impermeabilidade, podem ser levados em ambientes onde podem se molhar, como na hora do banho (GOÉS, 2003).

Segundo Paiva (2010, p.14) o livro infantil atualmente é feito em tantos materiais e formas que pode ser “Navegável no banho, levado para cama como travesseiro, montado como teatro de fantoches, levado para escola como maletinha, armado em casas e castelos”. Dessa forma o livro pode ser levado em diversos lugares dando a oportunidade de a criança levá-lo onde quiser, construindo uma relação com o livro-objeto.

Para que uma ilustração desperte o interesse da criança, segundo Oliveira (2008), existem vários fatores que devem ser levados em conta, como a linha, a superfície, o volume, sendo que o mais atrativo é a cor, pois ela possui o poder emotivo e evocativo.

De acordo com Coelho (2000) é bom que nessa fase os livros infantis retratem reproduções da realidade e do mundo simbólico da criança, suas vivências diárias como: comer, brincar, dormir, tomar banho, escovar os dentes e outros, isso trará uma aproximação entre o livro e as experiências reais da vida da criança.

O livro de imagem não é um mero livrinho para crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de cada um e das perguntas que cada leitor faz às imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço (CAMARGO, 1995, p. 79).

Recomenda-se o uso de livros imagéticos, concordando com Camargo (1995), especialmente se disponibilizar sons, pois ajudam a desenvolver as habilidades linguísticas e fonológicas da criança.

Usando como referência os autores da pesquisa, pode-se dizer que o livro “Os três príncipes” (Figura 9), da editora Ciranda Cultural, pois sendo feito de pano, contém folhas grossas, é um material adequado para a idade do zero aos três. O livro também dispõe de dedoches (fantoques de dedos), que são um atrativo ótimo para essa idade, como abordado por Senhorini e Bortolin (2008) e Caversan (2013).



Figura 9 – Capa do livro “Os três príncipes” feito de pano e com dedoches.  
Fonte: Imagem de acervo pessoal.

“Os três príncipes” é uma história sobre aprender a aceitar as diferenças de personalidade que os irmãos têm e mostrar que “trabalharem” juntos, como uma família, pode-se vencer até mesmo uma doença. Cada um possui um caráter diferente e isso os fez percorrer por caminhos dispersos, durante essa jornada cada um obtém um objeto mágico diferente, ao saberem que o pai adoeceu os irmãos se unem, pois sozinhos não iriam conseguir, salvar o pai. O texto é bem sintético, o livro contém quatro páginas, como precisa ser para que as crianças pequenas não se dispersem, Jardim (2000), apesar de curta a história tem começo, meio e o final feliz, onde os personagens conseguem resolver todos os problemas que ocorrem na história, isso é importante em um conto infantil, de acordo com Bettelheim (2010).

De acordo com Massoni (2012) e Oliveira (2008), as ilustrações desse livro são como devem ser, chamativas e coloridas, além de ser fácil para as crianças reconhecerem os elementos que estão na imagem. As ilustrações também usam bem o espaço das páginas, com páginas duplas ( figura 10), que segundo Nakata (2013) é um recurso bom e muito usado na ilustração de livros infantis, assim como os textos se misturando às imagens, mas não são apagados e sim mesclados perfeitamente.



Figura 10 – Ilustração em página dupla.  
Fonte: Imagem de acervo pessoal.

Enfim, é possível escolher e até fazer livros que sejam adequados para crianças de zero a três anos, pois foram apresentadas as características que esse objeto lúdico e cultural deve ter para atrair e agradar crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho é uma pequena introdução ao estudo da literatura infantil e suas contribuições na vida dos pré-leitores, especialmente dos zero aos três anos. Através de referencial teórico, buscou-se relatar de forma breve sobre a origem e o desenvolvimento da literatura infantil durante os anos, principalmente apresentando o contexto histórico do surgimento de uma literatura voltada para crianças e quais foram seus principais autores.

Diante do que foi apresentada no segundo capítulo, na primeira infância a criança deve ter contato com a literatura infantil e, conseqüentemente, com os livros, ainda que não saiba ler do modo convencional, contudo, para isso é necessário que o material oferecido seja adequado às suas necessidades e interesses. Ressalta-se que a presença do adulto é crucial nessa fase, pois possibilitará a criança a explorar o livro-objeto, podendo, também, participar narrando e dramatizando as histórias, além do mais, quando as crianças ouvem histórias, aprendem novas palavras, aumentando seu vocabulário.

Além disso, as histórias infantis trazem muitos benefícios, pois desenvolvem os sentidos, agregam conhecimento de um modo divertido e fazem as crianças sentirem sensações e emoções importantes para sua formação e desenvolvimento. A arte da literatura incentiva à criação e a comunicação do mundo real com o imaginário, que é presente no dia a dia da criança, pois não existe infância sem ficção e fantasia.

Portanto, o ler, contar e escutar histórias tem inúmeras possibilidades de serem trabalhadas com crianças durante o processo educacional e de desenvolvimento, pois os livros infantis são ótimas ferramentas no auxílio da formação da criança, solução do conflito interno e da construção da personalidade, além de ampliar a criatividade e os conhecimentos.

É abordado, brevemente, o caminho que a ilustração percorreu, e quais as técnicas que usadas na impressão de imagens, até alcançarem a qualidade das imagens dos livros atuais, pois as imagens, assim como o projeto gráfico, são de grande importância para atrair as crianças, auxiliando na formação de leitores e contribuindo no processo de aprendizagem da escrita.

Sejam com textos ou não, o livro contará uma história para aquele que o lê, pois sem as palavras as ilustrações tomam frente no processo de narrativa. O livro imagético leva a criança a narrar a história com suas próprias palavras, criando um texto oral ou imaginário, desenvolvendo situações que foram apenas sugeridas pelas imagens ampliando os detalhes propostos e muitas vezes sonorizando os acontecimentos, suscitando a criatividade do pequeno leitor.

A leitura não é algo natural da criança, é preciso que haja certo esforço por parte dos educadores e da família em oferecer livros e ler histórias. Com a grande quantidade de materiais e recursos de boa qualidade, disponíveis e fáceis de serem encontrados nas livrarias e bibliotecas, cabe a estes viabilizar maneiras para que a criança tenha acesso a esse objeto lúdico e cultural, pois quanto mais cedo ela tiver contato com os livros, mais cedo irá sentir o prazer da leitura, conseqüentemente, maior a probabilidade dela se tornar um adulto leitor.

Foi explanado o porquê de um local de leitura adequado para criança ter grande importância, pois além de trabalhar com a autonomia é onde a criança pode desenvolver conhecimento e ter uma ligação com os livros, ajudando na formação do futuro leitor e no aumento do rendimento escolar.

Em vista no que foi explanado no terceiro capítulo, cada criança é um ser único e o desenvolvimento de sua personalidade é feito durante seus primeiros anos de vida, até os seis anos, portanto tudo que for feito nessa fase será a base da construção de sua vida e para que essa estrutura seja sólida é crucial cuidar para que seu desenvolvimento seja pleno.

Quando se faz livros para crianças que ainda não sabem ler é preciso lembrar de que ler através de palavras não é a única maneira de estar introduzindo o livro as crianças, pois o livro de imagens e o sensorial propõem novas formas de leitura, através da visão, do tato, da audição e até mesmo do olfato, caso o livro disponibilize desses recursos. Com os livros adequados é possível a criança pegar e brincar, sem preocupação de rasgar ou sujar, pois estão na fase que descobrir as texturas e as proporções. Portanto não se deve censurar esse prazer que o livro infantil dá aos seus leitores, através da interação com esse objeto lúdico, a criança entra em contato com a palavra, a arte, a criação, a fantasia, a ficção, a esperança e tudo mais que um livro pode oferecer.

Assim sendo, se for trabalhado com a literatura infantil na escola, os alunos vão passar a desenvolver a memória e a organizar melhor seus pensamentos e ideias. Iram entender as

mensagens que estiverem implícitas entre o texto ou ilustração cada vez mais facilmente, aumentando sua capacidade de interpretação.

Usar os contos de fadas na sala de aula é benéfico não só para despertar o gosto pelo ato de ler e auxiliar no processo de alfabetização e letramento, o livro infantil pode trazer inúmeros benefícios, pode promover a introdução à cidadania fazendo com que a criança se torne uma pessoa capaz, crítica e interessada em aprender essas qualidades, tornando-a mais preparado para a vida.

Esse estudo mostrou como a literatura infantil pode ser útil na formação de futuros leitores, considerando as diversas possibilidades de leituras que um livro pode oferecer, como a leitura de imagens e as percepções simbólicas da criança que entra em contato com o livro-objeto.

Afinal, pode-se concluir que a literatura infantil tem uma grande quantidade de benefícios para as crianças de zero a três anos e se usada como um recurso formador pode auxiliar na aprendizagem da escrita e no letramento, além disto, os livros ilustrados e com imagens pop-up, texturas, sons e outros recursos sensoriais e materiais podem suscitar o imaginário e permitir seu desenvolvimento psicomotor, afetivo e cognitivo.

Portanto, os educadores devem aceitar que a literatura tem uma grande importância na formação da criança, devendo sempre estar atentos para passarem atividades que sejam inovadoras e divertidas e ao inserir leituras no planejamento das aulas que seja de acordo com a faixa de idade correta, pois como já foi relatado, nessa pesquisa, não há necessidade de esperar pela alfabetização formal para que as crianças se envolvam com a leitura dos contos infantis.

Partindo dessa pesquisa procuro contribuir não só com educadores, mas com todos aqueles que se dão importância ao desenvolvimento e o bem estar das crianças, sejam professores, escritores, ilustradores ou pais e familiares, pois as crianças são o futuro da nossa sociedade. Apesar da literatura não garantir a felicidade, é um dos caminhos para ela.





## REFERENCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. Editora Scione, 2005.
- AGUIAR, V.T.A. et al. **Era uma vez...na escola: Formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte. Formato, 2001.
- ALVES, Luiza Maria Leite Machado. **Leitura de fábulas e escrita: percurso de subjetivação ética do aluno-professor**. / Luiza Maria Leite Machado Alves – Taubaté: UNITAU, 2007.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional Biblioteca da Escola: (PNBE): leituras e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras**. Secretaria de Educação Básica, Coordenação Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF, 1998.
- BRITO, Luiz Percival Leme. **Jogos de Leitura**. Série Ideias n.13. São Paulo: FDE,1994.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- CAMARGO, Luís. **A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil**. Suécia, 1999.
- CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1983.

CASHDAN, S. **Os pecados capitais nos contos de fadas**: Como os contos de fadas influenciam nas nossas vidas. Rio de Janeiro. Campus, 2000.

CAVERSAN, Adriana Lima. Lugares para gostar de ler, IN: KOBAYASHI, M. do C. M. (org). **Literatura Infantil na formação do leitor**, Teorias e Vivências. Bauru, Canal editora, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. Editora Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. 3ª ed. São Paulo. Ática: 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria análise e didática. São Paulo, 2000.

COSTA, Isabel Alves; BAGANHA, Filipa. **Lutar Para Dar Um Sentido à Vida**: Os contos de fadas na educação de infância. Portugal: Edições Asa, 1989.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

**ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em 20 de Março de 2015.

FACCHINI, Luciana. **Bebeteca**: mediação pedagógica e animação cultural. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 20, set.-dez. 2009. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp>. Acesso em 22 de Março de 2015.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulineas, 2010.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Olhar de descoberta: Proposta analítica de livros que concentram várias linguagens**. São Paulo: Paulinas, 2003.

JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para análise e seleção de textos de literatura infantil. In: SARAIVA, Juracy Assman (Org.). **Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: ArtMed, 2000. cap. 9.

KOBAYASHI, M. do C. M. (org). **Literatura Infantil na formação do leitor**, Teorias e Vivências. Bauru, Canal editora, 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira – História e Histórias**. São Paulo: Ática, 2010.

LINS, G. **Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade**. 2 ed. São Paulo: Rosari, 2003

MAGALHÃES, E. M. S. **Letramentos múltiplos em (inter)ação: um estudo dos letramentos escolares desenvolvidos com alunos no fim do ensino fundamental**. 2010. 256 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MASSONI, L. F. H.. **Ilustrações em livros infantis: alguns apontamentos**. Dapesquisa: Revista de Investigação em Artes, Florianópolis, v.9, n.9, p. 121-129, ago.2011/ jul.2012. Disponível em:  
[http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/files/9/02VISUAIS\\_Luis\\_Fernando\\_Herbert\\_Massoni.pdf](http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/files/9/02VISUAIS_Luis_Fernando_Herbert_Massoni.pdf). Acesso em: 15 de Março de 2015. p. 120-129.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula**, Rio de Janeiro: Singular, 2009.

MOBRICE, I. A. S. **Leitura: teoria & prática**. Encantamentos e delícias: a criança em contato com a literatura infantil. Campinas, ano 9, n. 15, p. 44 – 46, jun. 1990.

NAKATA, Milton Koji. Ilustração na literatura infantil IN: KOBAYASHI, M. do C. M. (org). **Literatura Infantil na formação do leitor**, Teorias e Vivências. Bauru, Canal editora, 2013.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PAIVA, Ana Paula. **Quando a leitura se torna uma brincadeira**. Pátio: Educação Infantil. Artmed: Rio Grande do Sul. Ano VIII. nº 24. p. 12-15, jul./set. 2010.

POWERS, Alan. **Era uma vez uma capa**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAMOS, F. B.; PANOZZO, N. S. P. **Entre a ilusão e a palavra**: buscando pontos de ancoragem. Disponível em: [https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero26/ima\\_infa.html](https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero26/ima_infa.html). Acesso em 02 de Fevereiro de 2015.

RIZOLLI, M. C. Leitura com letras e sem letras na educação infantil no Norte da Itália. In: FARIA A. L. de MELLO, S. A. **Linguagens infantis**: outras formas de leitura. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 5-22.

SAMPAIO, Fátima Silva. **Linguagem na Educação Infantil**. Fortaleza, SEDUC, 2003.

SENHORINI, M.; BORTOLIN, S. **Bebeteca**: uma maternidade de leitores. V.13. Londrina: UEL n.1, p. 123-139. j a n . / j u l , 2 0 0 8 . Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1819>. Acesso 28 de Março de 2015.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. Jan /Fev /Mar /Abr 2004, N° 25. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em 23 de Março de 2015.

TATAR, M. **Contos de fadas**. Edição comentada. Rio de Janeiro, 2004.

UNESCO INSTITUTE FOR STATISTICS. Montreal, Canada. Publicado em 2007. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/education/themes/leading-the-international-agenda/efareport/reports/2007-early-childhood/>. Acesso em 20 de Março de 2015.

WALLON, H. **As Etapas Da Socialização Da Criança**. Lisboa, 1953.

WALLON, H. **As Origens do Caráter**. Trad. Heloyza Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças**: Para conhecer a história da literatura infantil brasileira histórias, autores e textos. São Paulo, Global, 1986.

